

Os impactos do influxo de refugiados Rohingya em Bangladesh

The Impacts of Rohingya Refugee Influx on Bangladesh

Resumo: Os Rohingya, um grupo étnico minoritário muçulmano em Myanmar, foram deslocados à força para Bangladesh em 2017 com base na limpeza étnica pelo governo militar. Este estudo tem como objetivo fornecer uma revisão abrangente dos impactos socioeconômicos do influxo de refugiados Rohingya na comunidade anfitriã, usando teorias push-pull e realismo para identificar as causas raízes desse influxo maciço para Bangladesh. Aplicando método qualitativo para analisar o impacto dos refugiados Rohingya na economia de Bangladesh, complementado por uma revisão qualitativa da literatura, os resultados indicam que o aumento dos preços, juntamente à queda dos salários dos trabalhadores pouco qualificados estão afetando negativamente as comunidades anfitriãs. A degradação ambiental, bem como a pressão excessiva sobre a infraestrutura e os serviços públicos já sobrecarregados, são grandes preocupações. Mais pesquisas são necessárias para identificar outros fatores que possam fortalecer a eficácia do repatriamento.

Palavras-chave: Impactos Socioeconômicos. Refugiados Rohingya. Myanmar.

Abstract: The Rohingya, a Muslim minority ethnic group in Myanmar, were forcibly displaced to Bangladesh in 2017 on the ground of ethnic cleansing by the military government. This study aims to provide a comprehensive review of the socio-economic impacts of the Rohingya refugee influx on the host community. This paper uses push-pull and realism theories to identify the roots causes of this massive influx to Bangladesh. The study applies a qualitative method to analyze the impact of the Rohingya refugees on the economy of Bangladesh, complemented by a qualitative literature review. The results indicate that rising prices, along with falling wages of low-skilled workers are negatively affecting host communities. Environmental degradation, as well as excessive pressure on already strained infrastructure and public services, are major concerns. Further research is needed to identify other factors that could strengthen the effectiveness of the repatriation.

Keywords: Socio-economic impacts. Rohingya Refugee. Myanmar.

Sazzad Hossain 
Bangladesh Army.
Dhaka, Bangladesh.
sazzad8645@gmail.com

Recebido: 08 nov. 2021

Aprovado: 30 nov. 2021

COLEÇÃO MEIRA MATTOS

ISSN on-line 2316-4891 / ISSN print 2316-4833

<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RMM/index>



1 Introdução

Bangladesh, um pequeno país do Sudeste Asiático com uma grande população e poucos recursos, deu um refúgio seguro para mais de um milhão de Rohingya que foram forçados a fugir de Myanmar. Bangladesh tem abrigado refugiados de Myanmar desde 1978, um período que se estende por mais de quatro décadas. Mais de 742.000 pessoas fugiram para Bangladesh desde 25 de agosto de 2017 como resultado da campanha militar de brutalidade e terror de Myanmar (UNHCR, 2019). A migração de refugiados Rohingya para Bangladesh teve uma influência significativa nas comunidades locais dos distritos de Cox's Bazar e Bandarban (onde os Rohingya se abrigaram). A migração se tornou uma das crises de refugiados que mais crescem no mundo em determinado ponto. Bangladesh abriga 4,73% do total de refugiados do mundo, apesar de ter menos de 0,31% da população mundial (UNDP, 2018). Para a grande maioria dos refugiados Rohingya, Cox's Bazar tem sido seu principal destino. De acordo com o censo de 2011, a população de Cox's Bazar é de apenas 4.71.768 pessoas (BANGLADESH BUREAU OF STATISTICS, 2013). Como resultado, a comunidade Rohingya neste distrito supera a comunidade local por um fator de 2,43. A economia nacional, a segurança e o meio ambiente estão todos ameaçados por abrigar uma carga tão grande. Na comunidade Rohingya, um novo padrão de atividade econômica está crescendo. O surgimento de um pequeno grupo de pessoas que ganharam novos espaços de trabalho como resultado do influxo está se beneficiando dessas dinâmicas econômicas. De acordo com vários estudos, as principais maneiras pelas quais a migração afeta a comunidade anfitriã são o aumento dos custos de commodities e salários mais baixos para trabalhadores pouco qualificados. A degradação ambiental, o aumento da pressão sobre a infraestrutura e os serviços públicos já fracos e o aumento das tensões entre refugiados e comunidades anfitriãs também são grandes dificuldades (UNDP, 2018).

Myanmar é um estado único no qual geopolítica e genocídio ou limpeza étnica se misturaram. Historicamente, há muito tempo há um profundo estranhamento entre o Islã e o Budismo. Em consequência, EUA, China e Índia estão todos lutando pelo controle de suas próprias esferas de influência. O fato de Myanmar se recusar a reconhecer os Rohingyas como um grupo étnico separado não deve ser visto isoladamente. Tem a ver com território e soberania (KARIM, 2021).

A repatriação está em impasse há mais de quatro anos. Apesar de inúmeras negociações bilaterais e medidas diplomáticas, Myanmar até agora não conseguiu criar condições ideais para o retorno dos Rohingyas. Como o repatriamento será inteiramente feito com “consentimento informado”, os desejos dos Rohingyas são cruciais. Nenhum Rohingya manifestou interesse em retornar à sua terra natal até que os problemas centrais sejam resolvidos. A Lei de Cidadania de Myanmar de 1982 reconheceu formalmente os Rohingyas como apátridas. Com o atual golpe militar em Myanmar, que derrubou o partido democraticamente eleito e provocou violência e protestos generalizados, a repatriação Rohingya é a última prioridade dos militares. Com essa realidade, é realista supor que a crise dos Rohingyas se arrastará por um longo período.

1.1 Objetivo do Estudo

Diante disso, o objetivo principal deste estudo é fornecer uma revisão abrangente dos impactos econômicos da entrada dos Rohingya em Bangladesh. Por outro lado, existe uma ligação direta entre a crise Rohingya e os interesses geopolíticos da China, Índia e EUA na região. A seguir estão os objetivos específicos:

- Analisar as implicações econômicas para a comunidade anfitriã após o influxo.
- Analisar as implicações geopolíticas da região na China, Índia e EUA.
- Analisar as principais barreiras do repatriamento.

1.2 Questões de Pesquisa

A principal questão da pesquisa é:

- Quais são os impactos econômicos do influxo dos Rohingya em Bangladesh?

As questões de pesquisa secundárias são:

- Quais são as ramificações geopolíticas da região?
- Quais são as razões subjacentes da crise e como elas afetam o repatriamento?

1.3 Revisão da Literatura

A primeira onda de refugiados Rohingya chegou a Bangladesh em 1978. Bangladesh tem sido um porto seguro para os Rohingya por mais de quatro décadas. O influxo sem precedentes de refugiados Rohingya causou estragos na segurança, na economia e no meio ambiente. Por causa dessa situação, as relações entre os dois países são tensas. Apesar de várias medidas bilaterais e diplomáticas, nenhum dos Rohingyas foi repatriado em Myanmar até agora.

De acordo com um relatório do PNUD intitulado “Impactos do Influxo de Refugiados Rohingya nas Comunidades Anfitriãs”, publicado em novembro de 2018, a crise dos refugiados Rohingya teve um impacto significativo nos meios de subsistência das comunidades anfitriãs. Os ajustes de preços e uma queda no salário diário dos trabalhadores tiveram um impacto particularmente negativo na comunidade anfitriã. Grandes quantidades de assistência em espécie recebidas como itens de socorro às vezes estão sendo vendidas por refugiados nos mercados locais, fazendo com que os preços caiam. Pelo contrário, suas compras de outros produtos aumentam os preços devido à forte demanda (UNDP, 2018).

O efeito líquido demonstrado na pesquisa revela uma pequena queda no preço dos produtos alimentícios e um aumento no preço de outras categorias. Os salários para funcionários agrícolas e outros não qualificados também foram relatados como baixos. O influxo colocou uma tremenda pressão sobre a comunidade anfitriã, o que é agravado pelo desenvolvimento socioeconômico comparativamente baixo do país. Também houve graves efeitos negativos nos serviços governamentais e no meio ambiente (UNDP, 2018).

As muitas terminologias relacionadas aos refugiados que são cobertas por um artigo do ACNUR intitulado “*An Introduction to International Protection*” (Uma Introdução à Proteção Internacional). A pesquisa delineou os parâmetros sob os quais algumas pessoas podem ser classificadas como refugiados e por que outras não podem, de acordo com a Convenção de Refugiados de 1951. Este artigo enfoca principalmente a necessidade de proteção internacional aos refugiados, bem como o quadro jurídico internacional para a proteção dos refugiados (UNHCR, 2005).

O artigo de Nour Mohammad “Proteção Aos Refugiados Sob a Constituição de Bangladesh: Uma Breve Visão Geral” delineou as diferentes obrigações internacionais e nacionais que Bangladesh enfrenta quando se trata do status de refugiado. Apesar de Bangladesh não ser membro da Convenção de 1951 ou do Protocolo de 1967, os refugiados Rohingya foram abrigados por Bangladesh sob o Direito Internacional Consuetudinário. Sob “Ordem Executiva”, o governo de Bangladesh concede status de refugiado aos requerentes de asilo (Mohammad).

Myanmar é um país único onde a geopolítica colidiu com genocídio ou limpeza étnica, de acordo com um livro intitulado “Etnia e Geopolítica da Crise Rohingya. É difícil dizer a diferença entre geopolítica e genocídio/limpeza étnica em Myanmar. Há muito tempo existe um profundo estranhamento entre o Islã e o Budismo. Em termos de geopolítica, EUA, China e Índia estão competindo pelo controle de suas próprias esferas de influência. Por padrão, Bangladesh está lutando sob o peso da geopolítica imposta (KARIM, 2021).

Todos esses trabalhos sugerem que o influxo produziu dois grupos econômicos: o primeiro é o público em geral, que é severamente prejudicado por aumentos de preços e baixos custos de mão de obra, e o segundo é um pequeno número de pessoas que se beneficiam do influxo ganhando oportunidades de emprego. Pelo contrário, a geopolítica da sub-região é diretamente influenciada por potências como EUA, China e Índia. Todo mundo está colocando sua própria agenda na mesa e Bangladesh está sendo levado por padrão. Esta dissertação tem como objetivo preencher uma lacuna de pesquisa entre as principais questões da crise humanitária e geopolítica, ambas contribuindo para o retorno bem-sucedido dos Rohingya a Myanmar.

2 Metodologia

Esta pesquisa será de natureza exploratória, pois os dados primários não puderam ser coletados devido à falta de tempo e recursos. Como resultado, a pesquisa será baseada em dados secundários, o que significa que os dados não foram analisados pelo pesquisador, mas por outros.

Para tornar este estudo mais substancial e lógico, livros relevantes, periódicos, artigos publicados, relatórios, fontes eletrônicas e de internet e jornais on-line são usados e totalmente creditados.

2.1 Limitações

Vários aspectos deste estudo devem ser levados em consideração. Primeiro, o estudo não é primário e os dados secundários são interpretados com base nos dados principais, portanto, podem ser inexatos. Em segundo lugar, como os dados não foram coletados pelo autor, existe o risco de viés.

Terceiro, como a crise está longe de ser resolvida, os efeitos da migração Rohingya nas comunidades anfitriãs são dinâmicos. Como resultado, algumas das descobertas relatadas aqui podem variar ao longo do tempo.

2.2 Fundamentação da Metodologia

Para começar, usei fontes secundárias para compilar uma lista de literaturas significativas sobre a crise Rohingya e seus impactos econômicos no país anfitrião. A informação foi então analisada logicamente. Ao fazê-lo, tornou-se evidente que a história de Myanmar e o influxo de Rohingya estão inextricavelmente ligados. Mais tarde, tornou-se óbvio que há correlação entre etnia e os principais atores da região (China, Índia e EUA) em termos de geopolítica e geoeconomia. Os maiores impedimentos para iniciar o repatriamento são a etnia e a geopolítica da área. Como resultado, esta pesquisa utilizou esse referencial teórico para descrever o principal argumento do estudo.

2.3 Teoria

Push-Pull e Teoria do Realismo são as abordagens teóricas utilizadas neste estudo. “Populações com status de ‘refugiados’ são mais influenciadas por forças de pressão (*push*) em um país ou região”, de acordo com a Teoria Push-Pull. Em seus países de origem, os refugiados são frequentemente submetidos a condições semelhantes ao genocídio, principalmente como resultado de governos autoritários ou pessoas hostis a grupos religiosos ou étnicos (ROSENBERG, 2020). Os Rohingya têm sua cidadania e direitos humanos básicos negados, foram forçados a sair pelos militares de Myanmar com base na limpeza étnica. Esta é a força motriz por trás do influxo de Rohingya para Bangladesh.

Por outro lado, uma promessa de liberdade religiosa ou política, oportunidades de emprego ou terras baratas e um suprimento abundante de alimentos poderiam ser considerados fatores de atração para se mudar para um novo país (ROSENBERG, 2020). Os fatores de atração (*pull*) no caso do influxo rohingya são que Bangladesh, o estado receptor, abriu sua fronteira por motivos humanitários, e os Rohingyas historicamente descobriram um lugar melhor para migrar.

De acordo com a definição primária de realismo, que afirma que os seres humanos são egoístas e anseiam por poder. Os realistas pensam que o egoísmo humano, o desejo de controle e a relutância em confiar nos outros levam a resultados previsíveis (ANTUNES; CAMISÃO, 2018). Assim, o comportamento brutal e a mentalidade de busca de poder dos militares de Myanmar são consistentes com a teoria do realismo. Como resultado, essa ideia foi examinada usando realismo e teoria push-pull, levando em consideração questões como interesse próprio, interesse nacional e segurança nacional.

2.4 Importância do Estudo

Já se passaram mais de quatro anos desde o último influxo de Rohingya para Bangladesh. Apesar de vários esforços bilaterais e diplomáticos, o processo de repatriação falhou miseravelmente duas vezes. Até agora, a ONU não conseguiu exercer pressão suficiente sobre Myanmar para iniciar o processo de repatriação. Vale ressaltar que Bangladesh abriga Rohingyas há mais de quatro décadas. As repatriações foram bem-sucedidas nas últimas três vezes, no entanto, a repatriação do influxo de 2017 não pôde ser iniciada até hoje. Bangladesh, como um país pequeno, é incapaz de suportar um peso tão grande. Por outro lado, a China e a Índia têm interesses geopolíticos e geoeconômicos consideráveis em Myanmar. Como resultado, esses dois países não desempenham um papel substancial na resolução da crise. A perseguição de Myanmar aos Rohingyas parece ser motivada por mais do que etnia. Considerando a intensidade e a pontualidade do tema, o autor se inspirou para fazer a pesquisa.

Mapa 1 – Distrito de Cox's Bazar em Bangladesh e Estado de Rakhine em Myanmar



Fonte: Asrar (2017).

Durante décadas, os Rohingya viveram em Myanmar, um país de maioria budista. Sob a Administração Colonial Britânica (de 1824 a 1948), houve uma extensa migração entre a atual Myanmar, Índia e Bangladesh. Após a independência da Birmânia em 1945, o governo promulgou a Lei de Cidadania da União, que listava os grupos étnicos considerados “indígenas” de Myanmar. Os Rohingyas não foram reconhecidos como um dos 135 grupos étnicos oficiais de Myanmar.

3 História Dos Rohingya

A comunidade étnica Rohingya é predominantemente muçulmana. Eles representam 1% de toda a população, 4% da população do Estado de Rakhine e 45% da população muçulmana de Myanmar. Em agosto, uma estimativa de 742.000 refugiados Rohingya entraram em Bangladesh através da área de Cox's Bazar. Crianças, mulheres e homens idosos constituem a maioria dos refugiados. Este montante foi adicionado aos 278.000 refugiados Rohingya que haviam sido deixados de duas ocorrências anteriores em 1978 e 1992. De acordo com o último relatório do Grupo de Coordenação Intersetorial (ISCG), o número total de refugiados Rohingya ultrapassou agora 923.000 (ISCG, 2018).

Após a tomada militar de 1962, o governo forneceu aos Rohingyas menos documentos oficiais. Em 1974, todos os cidadãos birmaneses eram obrigados a obter cartões de identificação nacionais, enquanto os Rohingyas só podiam obter cartões de identificação internacionais. Em 1982, uma nova lei de cidadania foi aprovada que dificultou a obtenção da cidadania plena pelos Rohingyas, deixando-os apátridas (MOHDIN, 2017).

O governo de Myanmar referiu os Rohingyas como Bengalis, forasteiros ou, pior ainda, terroristas. Essa visão dos Rohingyas como estrangeiros e imigrantes ilegais justifica a marginalização sistemática do grupo e os esforços do governo para expulsá-los de suas casas. Isso significa que eles têm um lugar em Bangladesh. A distinção entre esses dois termos — Rohingya e Bengali — é fundamental para entender o problema de Myanmar (MOHDIN, 2017).

3.1 Marco Legal Internacional para Refugiados

Na arena internacional, existem principalmente duas entidades que oferecem base legal para os refugiados. Estes são:

3.1.1 *Convenção de 1951*

Trata-se de um quadro jurídico que, pela primeira vez, abrange uma vasta gama de questões relativas aos refugiados. A pedra angular da proteção internacional é o Artigo 33(1), conhecido como o princípio da não repulsão. A cláusula proíbe que os refugiados sejam repatriados para qualquer país onde suas vidas possam estar ameaçadas ou em risco (INTERNATIONAL FEDERATION OF RED CROSS AND RED CRESCENT SOCIETIES, 2017).

3.1.2 *O Protocolo de 1967*

O objetivo do Protocolo de 1967 era aceitar a aplicação da Convenção de 1951 aos fluxos modernos de refugiados. Os Estados podem aderir a este instrumento autônomo, mesmo que não sejam parte da Convenção de 1951 (INTERNATIONAL FEDERATION OF RED CROSS AND RED CRESCENT SOCIETIES, 2017).

3.2 Obrigações Internacionais e Nacionais em Bangladesh

Bangladesh não é signatário da Convenção das Nações Unidas de 1951 sobre o Status dos Refugiados ou de seu Protocolo de 1967. Bangladesh assinou uma série de acordos internacionais de direitos humanos, alguns dos quais apoiam os direitos dos refugiados indiretamente. No entanto, a menos que disposições específicas sejam incorporadas às leis municipais existentes ou tenham efeito por meio de legislações separadas, os direitos humanos internacionais não são aplicáveis nos tribunais. Mesmo que um estado não seja parte de uma convenção, ele deve aderir a algum padrão universalmente reconhecido e conhecido, referido como Direito Internacional Consuetudinário. Da mesma forma, embora não seja signatário da Convenção de 1951 ou do Protocolo de 1967, Bangladesh abrigou a comunidade Rohingya no país e deseja repatriá-la livremente de acordo com o Direito Internacional Consuetudinário (MOHAMMAD, 2012).

Sob as ordens executivas do Governo de Bangladesh, os requerentes de asilo Rohingya de Myanmar receberam o status de refugiado entre 1978 e 1992. Eles receberam status de refugiado na superfície. No caso da migração de 2017, no entanto, os Rohingya não receberam o status de “refugiado” em Bangladesh. Eles são referidos como “cidadãos de Myanmar deslocados à força” na declaração oficial do governo (MOHAMMAD, 2012).

4 Impactos Socioeconômicos Nas Comunidades De Acolhimento

4.1 Economia Rohingya

Devido à presença de mais de 1 milhão de Rohingya no distrito de Cox's Bazar, em Bangladesh, no cenário pós-influxo de agosto de 2017, uma nova atividade econômica evoluiu centralizando essa comunidade. Uma enorme atividade humanitária está atualmente trabalhando para ajudar a comunidade. Esta comunidade tem um enorme influxo de ajuda estrangeira, em termos de dinheiro e produtos como – necessidades básicas, alimentos e grãos, etc. Alguns desses produtos são vendidos pelos Rohingya para o mercado local com taxa mais barata; novamente, o custo de outros produtos que eles precisam comprar do mercado local é aumentado devido a demandas mais altas. Assim, o equilíbrio do mercado está mudando a centralização dessas atividades econômicas. Por outro lado, essa enorme mão de obra está pressionando a força de trabalho local, reduzindo seu salário. Portanto, todos esses fatores são centrais para as atividades econômicas que podem ser definidas como “Economia Rohingya”.

4.2 Impactos Socioeconômicos nas Comunidades de Acolhimento

Os impactos socioeconômicos nas comunidades de acolhimento são multidimensionais e abrangem as áreas micro, meso e macroeconômica.

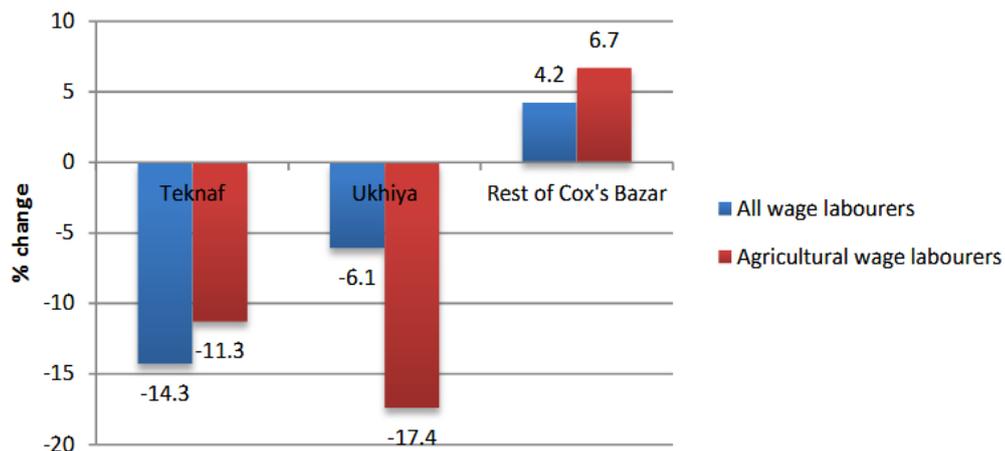
4.3 Impactos Microeconômicos

De acordo com uma pesquisa realizada pelo PNUD em novembro de 2018, impacto da população rohingya entre os bengalis, pelo menos 404 domicílios foram tomados como amostra e os dados coletados da amostra por meio de questionário foram processados. Este capítulo usa os dados como fonte secundária e tenta avaliar o impacto do influxo na comunidade anfitriã e tenta realizar descobertas relevantes para esta pesquisa.

4.3.1 Impactos Nos Salários

Tanto em Teknaf quanto em Ukhiya (subdistritos) de Cox's Bazar, os salários para empregos agrícolas e outros não qualificados estão reduzindo. Isso se deve ao menor salário dos Rohingya como diaristas em comparação com os trabalhadores da comunidade anfitriã. De acordo com os dados da pesquisa, os salários médios de todos os trabalhadores, conforme relatado pelas famílias, caíram de Tk. 417 pré-influxo para Tk. 357 pós-influxo, implicando que os salários caíram mais de 14% em Teknaf (Gráfico 1) e em quase 6% em Ukhiya após o influxo. Os salários agrícolas em Ukhiya, por outro lado, caíram a uma taxa significativamente mais rápida. No período pós-influxo, a taxa média de salários agrícolas em Teknaf caiu 11%, enquanto em Ukhiya caiu 17%. Acredita-se que o influxo tenha reduzido os ganhos em 20%, em média, em Teknaf e Ukhiya. Mais de 70% dos entrevistados em Teknaf e 50% em Ukhiya disseram que a principal maneira pela qual o influxo os afetou foi o pagamento mais baixo (UNDP, 2018).

Gráfico 1 – Impactos salariais em junho de 2018 (% de variação no período pré-crise) Fonte: Asrar (2017).



Fonte: UNDP household survey 2018 apud UNDP (2018, p. 73).

4.3.2 Impacto Nos Preços

Grandes quantidades de auxílio em espécie recebidas como itens humanitários estão sendo vendidas por refugiados. Varejistas locais afirmaram que os produtos que saíam dos campos estavam sendo vendidos a preços reduzidos. Por outro lado, as compras de outros bens por refugiados aumentam os preços.

O Quadro 1 compara as informações com os preços relatados em uma pesquisa de setembro de 2017 realizada pela Action Contre la Faim. Os preços indicados neste último estudo confirmam o efeito inflacionário inicial do influxo de refugiados, especialmente em arroz, lentilhas, óleos comestíveis e batatas. Eles descobriram que a maioria das commodities experimentou um aumento de preço de 10% (UNDP, 2018).

Tabela 1 – Preços pré e pós-influxo de commodities essenciais (Tk)

Food item	PRI findings		Action Contre la Faim findings	
	Pre-influx	Post-influx	Pre-influx	Post-influx
Rice	32	38	35	38
Flour	28	35	23	26
Lentils	100	93	102	109
Edible oil	100	90	85	96
Potato	22	30	22	30
Sugar (gur)	60	62	59	60
Salt	22	25	26	32
Meat (beef)	440	500	n/a	n/a
Fish (fresh water)	130	150	n/a	n/a
Other vegetables (leafy and non-leafy)	25	30	n/a	n/a

Fonte: Action Contre la Faim Market Assessment 2017; UNDP household survey 2018 apud UNDP (2018, p. 71).

4.4 Impactos mesoeconômicos

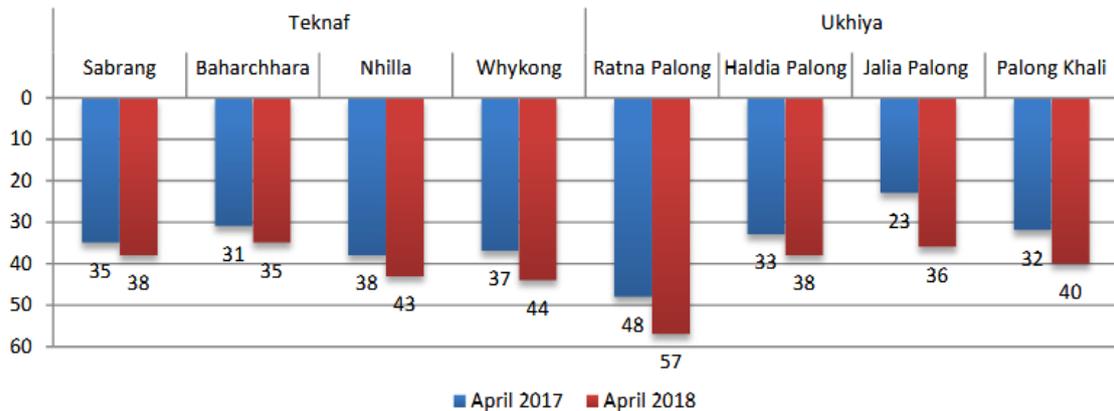
4.4.1 Impactos na Terra e na Produção Agrícola

Entre agosto de 2017 e março de 2018, a atividade de refugiados danificou pelo menos 100 ha de terras agrícolas em Teknaf e Ukhiya, além de 76 ha de terras aráveis ocupadas por assentamentos de refugiados e agências humanitárias. Cerca de 5.000 acres de terra foram inutilizados como resultado do solo arenoso que escorre das encostas das montanhas, que atualmente está sendo usado para acomodação de refugiados (UNDP, 2018).

Entre agosto e dezembro de 2017, cerca de 5.731 poços foram construídos para fornecer água aos refugiados (ISCG, 2018). Os níveis de água da área estão sendo reduzidos como resultado

dessa dependência excessiva das águas subterrâneas (Gráfico 2) os níveis de água ao redor das áreas do acampamento teriam diminuído de 5 a 9 metros. Os recursos de água doce são escassos nas áreas atingidas, particularmente em Teknaf (Cox's Bazar). Os poços de irrigação estão secando lentamente à medida que o lençol freático cai devido à degradação das bacias hidrográficas e a grande redução na recarga das águas subterrâneas (UNDP, 2018).

Gráfico 2 – Tabelas da queda da água em Ukhiya e Teknaf (metro)



Fonte: UNDP (2018, p. 105).

4.4.2 Impactos na Pesca e Atividades Relacionadas

A pesca emprega cerca de um terço do povo de Teknaf (BANGLADESH BUREAU OF STATISTICS, 2018). Por razões de segurança, a pesca no Rio Naf é proibida desde agosto de 2017, colocando uma tremenda pressão sobre cerca de 30.000–35.000 pescadores e suas famílias. Muitos pescadores foram forçados a trabalhar como trabalhadores assalariados, mas o influxo de refugiados resultou em menos vagas de emprego e salários diários mais baixos. De acordo com funcionários do governo e uma análise do PNUD, as comunidades pesqueiras ao longo do Rio Naf provavelmente estarão entre os mais atingidos pela crise dos refugiados (UNDP, 2018).

4.4.2 Impactos no Meio Ambiente

A pesca emprega cerca de um terço do povo de Teknaf (BANGLADESH BUREAU OF STATISTICS, 2018). Por razões de segurança, a pesca no Rio Naf é proibida desde agosto de 2017, colocando uma tremenda pressão sobre cerca de 30.000–35.000 pescadores e suas famílias. Muitos pescadores foram forçados a trabalhar como trabalhadores assalariados, mas o influxo de refugiados resultou em menos vagas de emprego e salários diários mais baixos. De acordo com funcionários do governo e uma análise do PNUD, as comunidades pesqueiras ao longo do Rio Naf provavelmente estarão entre os mais atingidos pela crise dos refugiados (UNDP, 2018).

4.5 Impactos Macroeconômicos do Influxo de Refugiados

Ajuda internacional, remessas e rendimentos salariais são as principais fontes de receita para a economia Rohingya. Uma parte da ajuda encontra seu caminho para a economia local, beneficiando os consumidores locais, reduzindo os preços dos itens comprados em outros lugares. Outras coisas compradas pelos refugiados de sua comunidade de acolhimento imediato mostram o padrão inverso.

Como resultado da pesquisa do PNUD 2018, quando apenas as entradas de assistência são consideradas, um dólar de ajuda tem um impacto econômico total de US\$2,70. Quando somadas as despesas de perda de recursos florestais e hídricos, o total chega a US\$ 2,3 bilhões (UNDP, 2018).

Parece que as consequências negativas são mais localizadas do que o efeito da ajuda. A comunidade anfitriã imediata é a que perde, mesmo que Cox's Bazar e o resto de Bangladesh estejam gerando ganhos estáticos no curto prazo.

4.6 Impactos no Serviço Público e na Entrega de Bens Públicos

Os sistemas de entrega de serviços públicos de Teknaf e Ukhiya, que foram construídos para atender um quarto de milhão de pessoas, agora precisam acomodar mais um milhão de pessoas. Todos os serviços estão sobrecarregados, resultando em conflitos entre as comunidades de refugiados e de acolhimento, a maioria dos quais são pobres e vulneráveis.

4.6.1 Impactos na Governança

A eficácia das instituições de governança está se tornando cada vez mais restrita diante desse tremendo problema. Alguns funcionários do governo local e do setor dedicam 50% ou mais de seu tempo às questões Rohingya, fazendo com que a entrega de serviços públicos seja adiada, se não completamente interrompida. Eles também trabalham sem pagamento em feriados semanais (UNDP, 2018).

4.6.2 Impactos na Gestão de Resíduos Sólidos e Água, Saneamento e Higiene

Os serviços de engenharia de saúde pública, incluindo a eliminação de resíduos sólidos, estão sob demanda significativa. Com mais 10.000 toneladas de lixo sólido produzidas a cada mês, a gestão de resíduos tornou-se uma prioridade. Os resíduos humanos contaminaram muitos recursos hídricos, incluindo 86% dos poços de água potável. A água da chuva lava as partículas fecais em declive, espalhando infecções transmitidas pela água para refugiados e comunidades anfitriãs. Lavar roupas, cozinhar e tomar banho são feitos com água de lagoas, canais e poços (UNDP, 2018).

4.6.3 Impactos nas Estradas

O aumento do tráfego está causando estragos em estradas já degradadas. Estradas, represas e pontes foram severamente danificadas. Os campos de trânsito deixaram um caminho maciço de destruição de infraestrutura e deterioração ambiental. Escolas e pátios escolares danificados, bem como colinas propensas a deslizamentos de terra, estão entre esses locais.

Cerca de 45% dos residentes em Teknaf e 62% em Ukhiya disseram que o congestionamento do tráfego cresceu em sua vizinhança, enquanto mais de dois terços disseram que as condições das estradas se deterioraram. De acordo com a pesquisa do PNUD, 66,7% das famílias respondentes em Teknaf e 70,41% das famílias respondentes em Ukhiya culpavam o influxo de Rohingya por danos nas estradas (UNDP, 2018).

4.6.4 Impactos Nos Serviços De Saúde

Cada vez mais, complexos de saúde e hospitais distritais são projetados para atender às necessidades de emergência dos refugiados. Os serviços de saúde locais estão gravemente sobrecarregados e, como resultado, os residentes locais não recebem o mesmo nível de atendimento que os migrantes. De acordo com um estudo do PNUD, o Cirurgião Civil de Cox's Bazar disse que os centros de saúde ficaram sobrecarregados durante o período do desastre. Aproximadamente metade do tempo, assim como o dos médicos em complexos de saúde, agora é dedicado aos migrantes. Os membros da comunidade anfitriã agora tem que esperar mais por serviços. A situação tornou-se mais difícil à medida que os refugiados recebem medicamentos gratuitos, enquanto os moradores locais devem pagar por isso (UNDP, 2018).

4.6.5 Impactos nos Serviços de Educação

Desde a entrada dos refugiados, os alunos da comunidade circundante abandonaram ou faltaram as aulas para ajudar suas famílias com atividades geradoras de renda, como vender coisas em campos de refugiados. Os pais estão impedindo suas filhas de frequentar a escola porque estão preocupados com sua segurança. De acordo com a pesquisa do PNUD, vários participantes expressaram preocupações de segurança como resultado do aumento de refugiados, particularmente em relação à mobilidade de mulheres e meninas (UNDP, 2018).

5 Perspectivas Geopolíticas mais Amplas

Geograficamente, Myanmar é cercada pela Índia, China, Bangladesh, Tailândia e Laos. Portanto, tem importância vital para todos esses países como zona tampão. Acredita-se que o estado de Rakhine (onde vivem os Rohingya) esteja cheio de recursos naturais e minerais. Geopoliticamente, EUA, China e Índia estão competindo para criar sua esfera de influência na sub-região. Simplesmente indica que a etnia não é o único problema dos Rohingya, pois existem algumas outras questões subjacentes que precisam ser identificadas e analisadas (ZHENDONG, 2021).

5.1 Geopolítica da China

A Política de “Colar de Pérolas” é usada para avaliar a direção da China no Oceano Índico. Myanmar, Bangladesh e Sri Lanka são vistos como “pérolas” na estratégia chinesa sob esta política. A China está altamente preocupada com as vias marítimas de comunicação no Oceano Índico (SAMARANAYAKE, 2012).

A China está interessada principalmente na construção de oleodutos e portos em alto-mar em Myanmar. O primeiro objetivo é importar gás natural de Myanmar. O segundo objetivo é encurtar a rota para petroleiros e navios de carga que navegam do Oriente Médio e além. Em vez de passar pelo congestionado e estrategicamente importante Estreito de Malaca e fazer um longo desvio pelo Sudeste Asiático, esses petroleiros podem descarregar em Myanmar. Isso economizará 2000 milhas, ou cerca de duas semanas de tempo de viagem (KANTHAN, 2017).

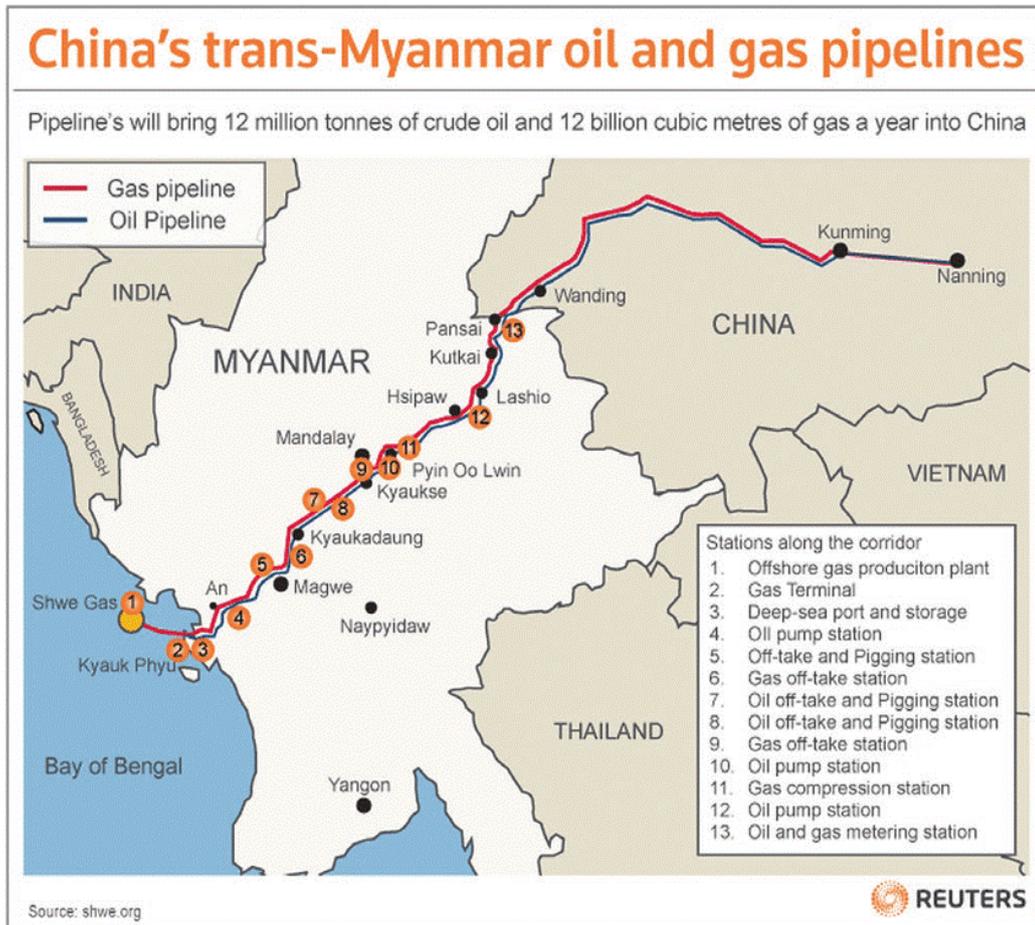
Em janeiro de 2017, a China investiu US\$18,53 bilhões em Myanmar (AHMED, 2018). Um gasoduto transnacional desenvolvido pela China National Petroleum Corporation (CNPC) que conecta Sittwe, capital de Rakhine, a Kunming começou a operar em setembro de 2013 como parte de iniciativas de desenvolvimento. É óbvio que estão sendo feitos esforços para transportar petróleo e gás de Myanmar do campo de gás Shwe para Guangzhou, China (WEBB, 2017).

Espera-se que um oleoduto paralelo transmita petróleo do oriente médio do porto de Kyaukphyu para a China. O gasoduto foi concluído em 2014 e transporta mais de 12 bilhões de metros cúbicos de gás natural para a China a cada ano. O oleoduto, por outro lado, torna mais fácil para a China adquirir petróleo do Oriente Médio e da África, além de reduzir o tempo necessário para transportar esse petróleo em até 30%. O oleoduto Shwe, em particular, é crucial para os objetivos geopolíticos chineses. 80% do petróleo importado da China passa pelo congestionado Estreito de Malaca e pelo disputado Mar do Sul da China, que a Marinha dos EUA pode bloquear se a guerra eclodir entre os dois países (WEBB, 2017).

Esses oleodutos causam conflitos locais devido à apropriação de terras, compensação inadequada por danos, deterioração ambiental e um influxo de funcionários estrangeiros, em vez de perspectivas de emprego locais aprimoradas. Myanmar tem um incentivo econômico para limpar terras para mais projetos de desenvolvimento. Isso impulsiona a economia já em crescimento do país. Toda essa manobra ocorre no contexto da geopolítica (FORINO; MEDING; JOHNSON, 2017). Acredita-se que essa tendência tenha levado os militares de Myanmar a perseguir os Rohingya, apesar do fato de que se tende a justificar ataques periódicos de grupos insurgentes locais por suas atrocidades (WEBB, 2017).

A China vem fortalecendo sua cooperação naval com Myanmar ao longo dos anos, fornecendo a Myanmar armas e equipamentos militares, incluindo mísseis, aviões de combate, radares e navios de guerra, além de treinamento para suas forças aéreas e navais (CHEYANG, 2010). Usando um sistema de troca, a China doou armas militares no valor de US\$2 bilhões. As bases navais de Myanmar em Hanggyi, as Ilhas Coco, Akyab e Margui também se beneficiaram da assistência Chinesa (KARIM, 2021).

Mapa 2 – Projeto China-Myanmar de Oleoduto de Petróleo e Gás Natural



Fonte: Adaptado de Shwe Gas Movement apud Meyer (2015).

5.2 Geopolítica da Índia

A “Política do Leste” da Índia visa melhorar a conectividade e o acesso ao mercado no Sudeste Asiático, e a colaboração com Myanmar é crucial. Como resultado, a proeminência de Myanmar como parceiro geopolítico e geoeconômico cresceu (KANWAL, 2010). A política indiana na região do Sul da Ásia é agressiva para estabelecer um espaço geopolítico e criar uma barreira aos avanços chineses. Muitos observadores acreditam que a Índia seguirá sua “zona de paz Hindu-Budista” no sul da Ásia para equilibrar o eixo Paquistão-China. O primeiro-ministro Modi visitou Myanmar logo após o genocídio em setembro de 2017 para combater a influência chinesa no país. A Índia foi influenciada pela geopolítica para se abster de condenar as atrocidades de Myanmar (AHMED, 2018).

O governo do BJP (Partido do Povo Indiano) provocou um fervor ultranacionalista – Hindu-fundamentalista – para tornar a Índia completamente hinducêntrica. O destino dos muçulmanos Rohingya será afetado por essa tendência. Isso foi demonstrado com a ameaça de expulsar 40.000 refugiados Rohingya quando buscavam asilo na Índia. Esses Rohingyas foram rotulados como “imigrantes ilegais” e uma “ameaça à segurança nacional” pelo Ministério de Assuntos Internos da Índia. O diretor da Human Rights Watch no sul da Ásia, Meenakshi Ganguli, observa que a Índia vê os Rohingyas “através de uma lente singular - que eles são muçulmanos” (KAMDAR, 2018, n. p.).

A Índia tem investimentos significativos nas regiões costeiras adjacentes a Sittwe, a fim de ganhar uma base mais forte nos estados do nordeste da Índia. Com isso, a Índia terá mais controle sobre a Baía de Bengala do Sul (HASAN, 2019). As ilhas Andaman Nicobar, na Baía de Bengala, que controla as atividades na passagem ocidental para o Estreito de Malaca, são então unidas com a única guarnição de forças combinadas da Índia.

Índia e Myanmar estão trabalhando para construir uma rodovia de 1.640 quilômetros que ligará a Índia a Myanmar e Tailândia. A Índia se refere a ela como sua porta de entrada do Sudeste Asiático e uma resposta à iniciativa Um Cinturão, Uma Rota (One-Belt-One-Road) da China (BRI) (KARIM, 2021). Em meados de 2017, a Índia havia fornecido a Myanmar cerca de US\$ 1,75 bilhão em subsídios e créditos. No estado de Rakhine, a Índia, construiu a estação de energia Sittwe. O projeto rodoviário de 109 quilômetros, que faz parte do projeto Multimodal Kaladan de US\$484 milhões, conecta o terminal fluvial de Palewa a Zorinpui, na fronteira de Mizoram, em Myanmar (AHMED, 2018).

O direito de construir, operar e utilizar um hub offshore para o uso de gás em Myanmar foi concedido à Índia. A ligação será construída entre Mizoram na Índia, e Sittwe em Myanmar. Permite que os estados do nordeste da Índia tenham acesso direto ao comércio exterior. Isso também ajudará a aumentar o comércio bilateral (KUPPUSWAMY, 2008).

A cooperação em operações de contrainsurgência com Myanmar é crucial em áreas de relevância estratégica. Os militantes que lutam nos estados do nordeste da Índia têm laços étnicos com Myanmar do outro lado da fronteira. Por um longo período, operações de contrainsurgência conjunta foram realizadas. Em 2008, os países assinaram um Memorando de Entendimento sobre Cooperação de Inteligência, permitindo-lhes compartilhar inteligência “acionável” em tempo real para combater melhor os militantes na região fronteiriça (KARIM, 2021).

5.3 A Grande Estratégia dos EUA

A grande estratégia dos EUA parece ter como objetivo distorcer ou atrasar a infraestrutura liderada pela China e os projetos marítimos na região da Baía de Bengala e do Oceano Índico. A crise Rohingya tinha o potencial de minar o oleoduto, que vai de Myanmar à China. Impedir a construção desta tubulação seria extremamente benéfico para os EUA (KARIM, 2021).

Os EUA estão preocupados que seus esforços para restaurar os direitos humanos prejudiquem Aung San Suu Kyi, que é essencialmente um produto do Ocidente. A NLD (Liga Nacional pela Democracia) e seu líder “não podem viver em Myanmar sem a ajuda dos Estados Unidos e da comunidade internacional”, de acordo com um documento publicado pelo Conselho de Relações Exteriores (CFR) em 2003 intitulado “Birmânia: tempo para a mudança”. Entre 2012 e 2014, os EUA deram a Myanmar US\$ 375 milhões para criar “instituições democráticas” e impulsionar o “desenvolvimento econômico”, a fim de abrir caminho para um novo estilo de administração (WEBB, 2017).

Em relação ao problema dos Rohingya, os EUA estão jogando os dois lados da moeda. Por um lado, a Arábia Saudita, um parceiro próximo, está patrocinando e financiando a rebelião. Os EUA, por outro lado, estão buscando uma colaboração militar mais estreita com Myanmar para derrotar a rebelião que ajudou a criar. Como parte da “Política de contenção da China” regional da América, é vital. A ex-secretária de Estado Hillary Clinton declarou este plano em 2013: “Vamos cercar a China com defesa antimísseis. “Como parte da Política de “Pivô para a Ásia” de Obama em 2011, esse plano resultou em um grande aumento nas vendas militares dos EUA para vizinhos da China, como Myanmar. A construção do oleoduto Shwe para a China deve preocupar a América porque removerá permanentemente a capacidade dos EUA de impedir 80% do suprimento de petróleo da China (WEBB, 2017).

Tanto a Índia quanto os EUA têm realizado exercícios bilaterais regulares em Malabar na Baía de Bengala. Os militares dos EUA também cooperaram com as forças armadas de Myanmar, com Myanmar participando do exercício militar anual Tailandês-Americano. Isso, no entanto, cria preocupações de que os encontros militares entre os dois exércitos possam se tornar mais intensos. O foco muda para o fortalecimento das relações de Myanmar com o Ocidente, particularmente com os Estados Unidos, bem como as ramificações para a China e a Índia (STEINBERG, 2013).

6 Dificuldades de repatriação

6.1 Análise Central das Dificuldades de Repatriação

Já se passaram mais de quatro anos do influxo de Rohingyas para Bangladesh. Apesar de vários esforços bilaterais e diplomáticos, nem um único Rohingya voltou a Myanmar até hoje. Para entender as causas básicas do por quê a repatriação não poderia ser possível, precisamos entender a história e a cultura de Myanmar. No meu estudo, a menos que as causas fundamentais sejam abordadas, o repatriamento Rohingya está longe da realidade. Para entender os principais problemas, abaixo estão as principais causas para o fracasso do repatriamento Rohingya:

6.1.1 *Apatridia Rohingya*

Em 1982, a Lei de Cidadania de Myanmar negou formalmente os direitos de cidadania Rohingya. Para se tornar um cidadão, os ancestrais de uma pessoa tinham que ser membros de uma raça ou grupo nacional que existia em Myanmar antes da ocupação britânica em 1823. Os Rohingya ainda eram considerados imigrantes ilegais que foram trazidos por colonos britânicos. Os Rohingya são agora o maior povo “apátrida” do mundo. Por não terem direito a qualquer proteção legal do governo devido à sua “apátrida” ou falta de cidadania, eles são mais vulneráveis. Eles são negados direitos essenciais, como acesso a cuidados de saúde, educação e emprego. A situação dos Rohingya não será resolvida a menos que o governo de Myanmar altere as leis de cidadania, o que é altamente improvável (ABDELKADER, 2017).

6.1.2 *As Raízes Incompreendidas Da Crise Rohingya*

Embora várias organizações humanitárias e países ocidentais vejam os Rohingya como a minoria mais oprimida do mundo, o governo de Myanmar e a grande maioria de seus cidadãos veem um grupo estrangeiro com uma ambição separatista alimentada pelo Islã e financiada pelo exterior.

A crise dos Rohingya será incrivelmente difícil de resolver devido a essa disparidade de perspectiva. O termo “Rohingya” é extremamente espinhoso para as autoridades de Myanmar. Isso ocorre porque, se o governo reconhecer os muçulmanos de Rakhine como parte do grupo étnico Rohingya, os muçulmanos receberiam autonomia dentro do país sob a lei de cidadania de 1982 — ironicamente, o mesmo estatuto que privou os Rohingya de sua cidadania. E aí está o cerne do problema. Os birmaneses estão preocupados que uma área autônoma Rohingya ao longo da fronteira de Bangladesh possa invadir o território de Rakhine. Os militares birmaneses, que reprimiram os civis Rohingya, consideram isso uma ameaça. Isso pode parecer absurdo em um país onde os muçulmanos representam apenas 4% da população, mas muitos birmaneses argumentam como resultado da presença crescente do Arakan Revolutionary Salvation Army em Rakhine e arredores (CALAMUR, 2017).

6.1.3 *Geopolítica da China, Índia e EUA*

Nessa região, a China tem essencialmente dois objetivos. O primeiro é importar o gás natural de Myanmar. O segundo objetivo é encurtar a rota para petroleiros e navios de carga que navegam do Oriente Médio e além. Em vez de passar pelo congestionado e estrategicamente importante Estreito de Malaca e fazer um longo desvio pelo Sudeste Asiático, esses petroleiros podem descarregar em Myanmar. Myanmar recebeu um investimento de US\$ 18,53 bilhões da China em janeiro de 2017 (AHMED, 2018).

A Índia também fez investimentos significativos nas regiões costeiras ao redor de Sittwe, a fim de ganhar uma posição mais forte nos estados do nordeste da Índia. Com uma base mais forte em Sittwe, a Índia terá mais controle sobre a Baía de Bengala do Sul (Hasan 2019). A Índia se refere a ela como sua porta de entrada do Sudeste Asiático e uma resposta à iniciativa Um Cinturão, Uma Rota da China (BRI) (AHMED, 2018).

A grande estratégia dos EUA parece ter como objetivo distorcer ou atrasar a infraestrutura liderada pela China e os projetos marítimos na região da Baía de Bengala e do Oceano Índico, como parte do BRI (WEBB, 2017). As atuais intervenções corporativas da China e da Índia, bem como a relevância geopolítica dos EUA na região, desempenham papéis cruciais na resolução da situação Rohingya. A etnia não é a única razão para o influxo.

6.1.4 Consentimento Informado Dos Rohingya Para Um Retorno Seguro A Myanmar

Ambos os governos concordaram em repatriar vários milhares de refugiados no final de 2019, no entanto, nenhum dos refugiados dos grupos selecionados queria retornar a Myanmar. Os líderes Rohingya afirmaram que não retornarão até que seus direitos de cidadania sejam garantidos. Enquanto isso, a ONU criticou os planos de repatriação, alegando que os Rohingya ainda estão em perigo em Myanmar. “Por mais sombria que seja a situação para os refugiados Rohingya em Bangladesh, suas perspectivas de volta a Myanmar são ainda piores”, argumenta Joshua Kurlantzick, do CFR (apud ALBERT; MAIZLAND, 2020, n.p.).

6.1.5 O Papel sa ASEAN

Os dez membros da ASEAN (Associação de Nações do Sudeste Asiático) não coordenaram uma resposta à escalada da situação. A Convenção de Refugiados da ONU e seu protocolo ainda não foram ratificados por todos os países da ASEAN. Por causa do compromisso de seus membros com o princípio de não interferência nos assuntos internos uns dos outros, a ASEAN tem sido bastante silenciosa sobre a situação dos Rohingya e o crescente número de requerentes de asilo nos países-membros. “Eles não vão realizar uma ação coletiva em Myanmar, tendo Myanmar como um de seus membros”, diz Kurlantzick (apud ALBERT; MAIZLAND, 2020, n.p.).

6.1.6 O Papel da Rússia, China e Índia em Resolver a Crise

Myanmar e os principais líderes militares devem enfrentar um embargo de armas e outras sanções, de acordo com a equipe de apuração de fatos da ONU. No entanto, certos membros do Conselho de segurança, como a Rússia e a China, resistiram ao aumento da pressão sobre o governo de Myanmar, alegando que este está tentando restaurar a estabilidade (ALBERT; MAIZLAND, 2020).

6.1.7 Pós Golpe Militar Em Myanmar

Os militares de Myanmar tomaram o poder depois de deter a líder de-facto Aung San Suu Kyi em um golpe militar em 1º de fevereiro de 2021. O governo anunciou um estado de emergência de um ano. O golpe ocorre depois que a Liga Nacional pela Democracia obteve uma enorme vitória eleitoral em novembro de 2020. Khin Maung, o Líder da Associação de Jovens Rohingya, disse à Agência Anadolu: “A repatriação já era incerta, agora foi destruída, isso terá um impacto significativo em nosso retorno seguro à nossa terra natal”. “A ONU deve agir contra os militares de Myanmar”, disse Mayyu Khan, outro Rohingya no acampamento Ukhia em Cox’s Bazaar (KAMRUZZAMAN, 2021, n.p.).

6.1.8 A Ajuda Externa É Uma Barreira Para O Repatriamento

Trabalhadores de ONGs e elites locais, que lucram economicamente, não querem uma repatriação bem-sucedida; seus padrões de vida são mais altos do que em Myanmar, e a ajuda externa é indiretamente culpada pela repatriação (MUHIUDDIN, 2019).

7 Conclusão

Já se passaram mais de quatro anos desde que uma campanha de violência liderada pelo Estado levou centenas de milhares de muçulmanos Rohingya de Myanmar para Bangladesh, resultando em uma crise humanitária maciça. Aqueles que fugiram da perseguição cruzaram em massa para Cox’s Bazar, uma zona de Turismo costeira de Bangladesh. A crise dos refugiados Rohingya teve um impacto significativo nos meios de subsistência das comunidades anfitriãs, particularmente em Cox’s Bazar. O influxo colocou uma tremenda pressão sobre a sociedade anfitriã, que é agravada pelo fato de que essas áreas de Bangladesh já estavam lidando com questões significativas devido à infraestrutura relativamente subdesenvolvida. As mudanças de preços e a queda no salário diário dos trabalhadores tiveram um impacto particularmente negativo na comunidade anfitriã. Também houve graves consequências negativas para os serviços públicos e o meio ambiente.

Nos dois subdistritos mais afetados (Teknaf e Ukhiya), a condição socioeconômica está mudando. Ajustes de preços e aumentos salariais, em particular, e seu impacto, são questões-chave. O meio ambiente sofre efeitos significativos das chegadas de refugiados. Em algumas situações, esses efeitos podem representar uma ameaça substancial à saúde individual. É impossível destacar a importância de garantir uma boa prestação de serviços públicos e um aumento das medidas de proteção social, especialmente nas zonas mais afetadas dos distritos de Cox’s Bazar e Bandarban.

Myanmar é um dos países mais diversos do mundo, com o governo reconhecendo oficialmente 135 grupos étnicos, exceto os Rohingya. A Lei de Cidadania de 1982 negou a cidadania dos muçulmanos Rohingya. A privação e as violações dos Direitos Humanos há muito fazem parte da experiência Rohingya, o que levou ao primeiro êxodo de Rohingyas para Bangladesh em 1977. Em 1991-1992, 2012, e o influxo foi retomado. As piores atrocidades contra os Rohingyas, que resultaram na fuga de um milhão deles do país, ocorreram em agosto de 2017.

A China, a Índia e os EUA têm interesses geopolíticos significativos nesta região. A China está interessada no gás e no petróleo de Myanmar, assim, os oleodutos que ligam um porto de águas profundas já foram concluídos. A China está empenhada em conectar a Baía de Bengala, a fim de evitar o Estreito de Malaca, estrategicamente crucial, através do qual a maioria dos recursos energéticos do país agora transita. A Política de “Colar de Pérolas” é usada para avaliar a direção da China no Oceano Índico (estratégia de dois oceanos). Myanmar, Bangladesh e Sri Lanka são vistos como “pérolas” na estratégia chinesa sob este paradigma. A Índia está avançando progressivamente com sua contra-estratégia contra o “Colar de Pérolas” no Oceano Índico. A Índia tem um grande objetivo estratégico de colocar em prática sua “Política do Leste” mais forte. Os EUA estão jogando ambos os lados na crise Rohingya. Do outro lado, os EUA estão buscando laços militares mais estreitos com Myanmar, a fim de derrotar a insurgência que ajudou a criar. Este é um incrível quebra-cabeça e jogo geopolítico.

Por mais de quatro décadas, Bangladesh serviu como um porto seguro para os muçulmanos Rohingya. Apesar dos esforços bilaterais e diplomáticos do governo de Bangladesh, nenhum Rohingya foi repatriado para Myanmar. Existem inúmeros obstáculos para o repatriamento a longo prazo. Os grupos internacionais e regionais devem estar dispostos a trabalhar juntos para desenvolver um plano prático que aborde os principais problemas. A ONU e outras organizações internacionais devem ser mais assertivas ao pressionar Myanmar a iniciar o processo de repatriação o mais cedo possível.

Referências

ABDELKADER, E. The history of the persecution of Myanmar's Rohingya. **The Conversation**, Waltham, MA, Sep 20, 2017. Disponível em: <https://theconversation.com/the-history-of-the-persecution-of-myanmars-rohingya-84040>. Acessado em: Nov 27, 2021.

AHMED, K. U. The geo-politics of Rohingya crisis. **The Financial Express**, Dhaka, June 2018. Disponível em: <https://thefinancialexpress.com.bd/views/views/the-geo-politics-of-rohingya-crisis-1528297511>. Acessado em: Nov 26, 2021.

ALBERT, E.; MAIZLAND, L. The Rohingya crisis. In: COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. New York: CFR, Jan 23, 2020. Disponível em: <https://www.cfr.org/backgrounder/rohingya-crisis>. Acessado em: Nov 27, 2021.

ANTUNES, S.; CAMISÃO, I. introducing realism in international relations theory. **E-International Relations**, [London], Feb 27, 2018. Disponível em: <https://www.e-ir.info/2018/02/27/introducing-realism-in-international-relations-theory/>. Acessado em: Nov. 2021.

ASRAR, S. Rohingya crisis explained in maps. **Aljazeera**, [Doha, Qatar], Oct 28, 2017. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2017/10/28/rohingya-crisis-explained-in-maps>. Acessado em: Nov 27, 2021.

BANGLADESH BUREAU OF STATISTICS. **District statistics 2011**: Cox's Bazar. [S. l.]: Bangladesh Bureau of Statistics; Statistics and Informatics Division, 2013.

CALAMUR, K. The misunderstood roots of Burma's Rohingya crisis. **The Atlantic**, [Boston], Sep 25, 2017. Available: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2017/09/rohingyas-burma/540513/>. Acessado em: Nov. 26, 2021.

CHENYANG, L. **China's policies towards Myanmar**: in Myanmar: prospect. [S. l.: s. n.], 2010.

FORINO, G.; MEDING, J. von; JOHNSON, T. Religion is not the only reason Rohingyas are being forced out of Myanmar. **The Conversation**, Waltham, MA, Sep 11, 2017. Disponível em: <https://theconversation.com/religion-is-not-the-only-reason-rohingyas-are-being-forced-out-of-myanmar-83726>. Acessado em: Nov 27, 2021.

HASAN, M. Will the Rohingyas ever return to Myanmar?. **The Daily Star**, [Dhaka], May 24, 2019. Disponível em: <https://www.thedailystar.net/opinion/bystander/news/will-the-rohingyas-ever-return-myanmar-1747933>. Acessado em: Nov 27, 2021.

INTERNATIONAL FEDERATION OF RED CROSS AND RED CRESCENT SOCIETIES. **The legal framework for migrants and refugees: an introduction for Red Cross and Red Crescent staff and volunteers.** Geneva: International Federation of Red Cross and Red Crescent Societies, 2017. Disponível em: <https://www.rcrc-resilience-southeastasia.org/wp-content/uploads/2018/07/The-legal-framework-for-migrants-and-refugees-Dec-2017-V3.pdf>. Acessado em: Nov 26, 2021.

ISCG. **Situation Report Rohingya Refugee Crisis: Cox's Bazar.** Cox's Bazar: Inter Sector Coordination Group, Sep 27, 2018. Disponível em: https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/iscg_situation_report_27_sept_2018.pdf. Acessado em: Nov 27, 2021.

KAMDAR, B. Indian Refugee Policy and the Rohingyas. **The Diplomat**, Arlington, VA, Oct 4, 2018. Disponível em: <https://thediplomat.com/2018/10/indian-refugee-policy-and-the-rohingyas/>. Acessado em: Nov 27, 2021.

KAMRUZZAMAN, M. Future of Rohingya repatriation talks hangs in balance. **Anadolu Agency**, Ankara, Turkey, Feb 1, 2021, Disponível em: <https://www.aa.com.tr/en/asia-pacific/future-of-rohingya-repatriation-talks-hangs-in-balance/2129774>. Acessado em: Nov 26, 2021.

KANTHAN, C. Rohingya Genocide links to corporatism, geopolitics and wahhabism. **Daily News**, [Sri Lanka], Sep 13, 2017. Disponível em: <http://www.dailynews.lk/2017/09/13/features/128055/rohingya-genocide-links-corporatism-geopolitics-and-wahhabism>. Acessado em: Nov 26, 2021.

KANWAL, G. A strategic perspective on India-Myanmar relations. In: RIEFFEL, A. (ed.). **Myanmar/Burma: inside challenges, outside interests.** Washington, D.C.: Brookings Institution Press, 2010.

KARIM, M. A. Ethnicity and geopolitics of Rohingya crisis. In: RATUVA, S.; HASSAN, H. A.; COMPEL, R. (ed.). **Risks, identity and conflict: theoretical perspectives and case studies.** [London]: Palgrave Macmillan, 2021. p. 109-130.

KUPPUSWAMY, C. S. Indo-Myanmar relations: visit of Senior General Maung Aye. **IntelliBriefs**, [s. l.]. Apr 9, 2008. Disponível em: <http://intellibriefs.blogspot.com/2008/04/indo-myanmar-relations-visit-of-senior.html>. Acessado em: Nov 26, 2021.

LI, C.; LYE, L. F. China's Policies towards Myanmar: a successful model for dealing with the Myanmar issue?. **China: an International Journal**, Singapore, v. 7, n. 2, p. 255-287, 2009. Disponível em: <https://www.worldscientific.com/doi/abs/10.1142/S0219747209000351>. Acessado em: Nov 27, 2021.

MEYER, E. With oil and gas pipelines, China takes a short cut through Myanmar. **Forbes Asia**, [Singapore], Feb 9, 2015. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/ericmeyer/2015/02/09/oil-and-gas-china-takes-a-shortcut/?sh=7103061f7aff>. Acessado em: Nov 27, 2021.

MOHAMMAD, N. Refugee protection under the Constitution of Bangladesh: a brief overview. **Refugee Watch**, Kolkata, v. 39, p. 141-156, 2012. Disponível em: http://www.mcrg.ac.in/rw%20files/RW39_40/12.pdf. Acessado em: Nov 27, 2021.

MOHDIN, A. A brief history of the word “Rohingya” at the heart of a humanitarian crisis. **Quartz**, [s. l.], Oct 2, 2017. Disponível em: <https://qz.com/1092313/a-brief-history-of-the-word-rohingya-at-the-heart-of-a-humanitarian-crisis/>. Acessado em: Nov 26, 2021.

ROSENBERG, M. Push-Pull factors in immigration. **ThoughtCo**, New York, Feb 11, 2020. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/push-pull-factors-1434837>. Acessado em: Nov 27, 2021.

MUHIUDDIN, K. Foreign aid is a hindrance to Rohingya repatriation. **DW Made for Minds**, Bonn, Germany, Aug 25, 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/en/opinion-foreign-aid-is-a-hindrance-to-rohingya-repatriation/a-50157682>. Acessado em: Nov 27, 2021.

SAMARANAYAKE, N. **The Long Littoral Project**: Bay of Bengal: a maritime perspective on indo-pacific security. Alexandria, VA: CNA Analysis and Solution, Sep 2012. IRP-2012-U-002319-Final. Disponível em: https://www.cna.org/CNA_files/PDF/IRP-2012-U-002319-Final.pdf. Acessado em: Nov 2021.

STEINBERG, D. I. Myanmar sits on the corner of an international triangle. **Global Times**, Beijing, Dec 9, 2013. Disponível em: <https://www.globaltimes.cn/page/201312/831037.shtml>. Acessado em: Nov 27, 2021.

UNDP. **Impacts of the Rohingya refugee influx on host communities**. Dhaka: United Nations Development Programme, Nov 2018. Disponível em: <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/Impacts%20of%20the%20Rohingya%20Refugee%20Influx%20on%20Host%20Communities.pdf>. Acessado em: Nov 27, 2018.

UNHCR. **An introduction to international protection**: protecting persons of concern to UNHCR: self-study module 1. Geneva: United Nations High Commissioner for Refugees, 2005. Disponível em: <https://www.unhcr.org/3ae6bd5a0.pdf>. Acessado em: Nov 27, 2021.

UNHCR. Emergencies. **Rohingya emergency**. Geneva: United Nations High Commissioner for Refugees, 2019. Disponível em: <https://www.unhcr.org/rohingya-emergency.html>. Acessado em: Nov 21, 2021.

WEBB, W. Oil, gas, geopolitics guide us hand in playing the Rohingya crisis. **MintPress News**, Minneapolis, Sep 20, 2017. Disponível em: <https://www.mintpressnews.com/oil-gas-geopolitics-us-rohingya-crisis/232145/>. Acessado em: Nov 27, 2021.

ZHENDONG, P. China-Myanmar oil and gas pipelines to lower energy costs. **China Daily**, Guizhou, June 6, 2013. Disponível em: https://www.chinadaily.com.cn/m/guizhou/2013-06/06/content_16590423.htm. Acessado em: Nov 26, 2021.

